

PRESENÇA E REFERÊNCIA PORTUGUESAS NAS ESTRATÉGIAS SÓCIO-CULTURAIS DOS GRUPOS POLÍTICOS NA GALIZA TARDOFRANQUISTA*.

Roberto López-Iglésias Samartim

*(Grupo GALABRA – USC)***

No lustro imediatamente anterior à morte do ditador Francisco Franco produze-se, tanto na Galiza como no conjunto do Estado Espanhol, umha forte actividade política fundamentalmente da maõ dumha série de grupos que, localizados no plano ideológico na oposiçom de esquerda, desenham na clandestinidade as suas estratégias de açom social e tomam posiçons perante a eventual queda do regime e a possível configuraçom dum novo

* Este trabalho constitui a análise dumha parte do corpus do projecto de investigaçom *Portugal e o Mundo Lusófono na Literatura Galega (1969-2000)*, parcialmente subsidiado pola Junta da Galiza (PGIDT01PXI20414PR) e desenvolvido na Universidade de Santiago de Compostela (USC) polo Grupo Galabra (de Estudos nos Sistemas Culturais Galego, Luso, Brasileiro e Africanos de Língua Portuguesa).

** A presente comunicaçom foi redigida de acordo com o modelo proposto pola Associaçom Galega da Língua (AGAL) para a escrita do galego.

quadro político. No caso galego, ao importante papel jogado polo campo cultural como substituto do espaço político institucional interdito polo regime totalitário, deve ser acrescentado o próprio proceso de construción autónoma -política e cultural- pretendido polos principais grupos opositores ao franquismo con diferentes graus e por meio de diversas estratégias.

Neste sentido, nas várias tradicións político-sociais dos grupos actuautes na Galiza nesses primeiros e decisivos anos da década de setenta, ocupará un lugar relativamente central no quadro das súas estratégias e obxectivos a defensa da identidade diferenciada da Galiza, o galeguismo, doutrina esta alicerçada principalmente, nesta altura, na consideración do galego como lingua propia e principal elemento identificador e articulador da colectividade galega. Será precisamente con o obxectivo de habilitar o galego para o eventual acceso a campos até entón desconhecidos (liturgia católica, ensino obrigatorio, média, etc.) que son elaboradas no tardofranquismo varias propostas de codificación da lingua da Galiza, en cuja discusión jogará un papel determinante -em virtude da esencial unidade lingüístico-cultural galego-portuguesa defendida polo galeguismo desde as súas primeiras formulacións- o grau de proximidade e/ou afastamento e de maior ou menor identificación do produto resultante dessa estandarización con o padrom portugués.

Dentro do espaço ideolóxico do galeguismo, o grupo **Galaxia** actua dentro da legalidade franquista e ocupa na altura a posición mais destacada. Este grupo é o resultado da mudanža estratégica do Partido Galeguista no interior que, tras a morte no exílio do seu líder histórico Daniel Rodríguez Castelao em 1950, opta por arrumar o traballo político partidário na clandestinidade do regime franquista e decide centrar a súa actividade no labor cultural, o único consentido polas autoridades da ditadura. Para isso, destacados agentes procedentes deste galeguismo republicano do inmediato pré-guerra cívica (1936-1939) crean nesse mesmo ano a editora que dá nome ao grupo e exercem a partir dessa altura o monopólio na práctica do Proto-Sistema Cultural Galeguista (PSCG)¹. A posición central de Galaxia no PSCG assenta tanto no controlo do campo literário desde a fundación da editora e das publicacións periódicas a ela ligadas, como no capital simbólico herdado da linha histórica do galeguismo de que o grupo se proclama continuador no ámbito cultural.

¹ Para este concepto veja-se Torres Feijó (2003).

Neste sentido, Galaxia domina e dinamiza institucións como a Real Academia Gallega (RAG) fundada polo galeguismo em 1905 e com um percurso histórico caracterizado até essa altura pola sua escassa incidência no campo cultural da Galiza.

Galaxia fundamenta um projecto cultural fortemente essencialista na língua própria como único elemento etno-nacional imprescindível para a configuração da identidade diferenciada da Galiza (Piñeiro, [1956]: 95-104)², considera essa língua como fazendo parte dum sistema lingüístico compartilhado com as variedades de Portugal, Brasil e as comunidades que hoje configuram os PALOP e, com base nessa ideia (e para reforçá-la), promove o relacionamento intersistémico galego-luso-brasileiro através dos contactos estabelecidos com agentes e instituições também centrais nos seus respectivos sistemas culturais (destacam no caso português Manuel Rodrigues Lapa, Jacinto de Prado Coelho e as instituições a eles ligadas: as revistas *Seara Nova* já desde o pré-guerra civil e *Colóquio/Letras* desde a sua criação em Março de 1971).

Movido pelas expectativas de inclusom do galego no ensino obrigatório levantadas pola Ley General de Educación promulgada polo Governo franquista em Agosto de 1970, o grupo Galaxia recorre ao carácter oficial conseguido para a RAG polos seus fundadores e coloca por mediação da instituição académica no PSCG entre 1970 e 1971 umha proposta de codificação lingüística que concorda no básico com as regras que o grupo editorial aplicava nas suas publicações; este modelo contempla a utilização dumha ortografia coincidente com o castelhano de maneira provisória e apela à tradição literária e ao recurso ao estándar português para validar as suas escolhas.

² Assi aparece explicitado na ponência elaborada por Ramón Piñeiro, líder e ideólogo do grupo, para o “Primeiro Congreso da Emigración Galega” celebrado em Buenos Aires em Abril de 1956: “Con razón puido decir Murguía [figura central na configuración ideológica do galeguismo no século XIX] que ‘o idioma é a verdadeira bandeira nacional’, porque o idioma, ademais de ser o que identifica a tódolos integrantes dun pobo como unidade cultural xenuína, tamén é, pola mesma razón, o que a *distingue* de tódalas demáis. [...] a unidade espiritoal da comunidade social galega véuse conservando viva no idioma. A organización social, económica e política de Galicia experimentou as meirandes transformacións e reviravoltas ao longo deses séculos. O idioma, entramentes, permeneceu inalterablemente limpo e transparente na súa espontánea enxebreza. Con seren tantos os cambios e mutacións externas no corpo social de Galicia, a súa unidade espiritoal permaneceu constante e nidia no idioma” (Piñeiro, [1956]: 97-98; itálico no original). A prova de que esta é umha ideia compartilhada polo grupo (e da autoproclamada autoridade de Galaxia no PSCG) encontramos-la na assinatura colectiva da ponência: “Para lle dar á proposta concreta que aquí se desenvolve a máxima autoridade, quixemos presentala con carácter colectivo e non individual. As firmas de Ramón Cabanillas, R. Otero Pedrayo [duas figuras destacadas já no galeguismo de pré-guerra], J. Rof Carballo, D. García-Sabell, Celestino F. de la Vega, Francisco F. del Riego, Xaime Isla Couto –conformes todos coa proposta- déronlle esa autoridade percurada, mas, infelizmente, non abondou para que a proposta chegase a entrar en vías de realización” (Piñeiro, [1956]: [95]).

Nesse mesmo ano de 1971 o modelo lingüístico de Galaxia -e com ele a autoridade da Academia- é impugnado polo recém criado **Instituto de la Lengua Gallega** (ILG), dependente do Departamento de Románicas da Universidade de Santiago de Compostela (USC), por meio dumha proposta de codificação em que a instituição universitária assume como próprio um modelo ortográfico coincidente com o castelhano alegando razons pedagógicas (exactamente critérios de facilidade no processo ensino-aprendizagem dumha população alfabetizada unicamente nessa língua) e sustenta os critérios de codificação no foneticismo e na abstracção da fala popular, rejeitando o recurso ao referente luso-brasileiro e contemplando unicamente algumha cedência à tradiçom literária moderna.

Perante o aval oferecido por Galaxia a umha orientação lingüístico-cultural que nom favorecia na prática o estabelecimento dum intersistema cultural galego-luso-brasileiro baseado na língua comum³, o professor coimbrao Manuel Rodrigues Lapa, reconhecido agente galeguista desde o pré-guerra, propom em 1973 a elaboraçom da língua da Galiza na base do padrom português por meio dumha decidida aproximaçom galego-portuguesa apoiada sobretudo na aceitaçom para o galego do código ortográfico utilizado polas variantes lusa e brasileira.

Ainda que Rodrigues Lapa afirma que a sua proposta contribui para ajustar a prática com a teoria lingüístico-cultural sustentada polo grupo herdeiro do galeguismo histórico e que tem algumha virtualidade nos planos geopolítico e de competência lingüística intersistémica (Lapa, 1973), o núcleo dirigente de Galaxia rejeita os postulados do professor de Coimbra alegando que a desejada aproximaçom galego-portuguesa deve ser feita unicamente depois da resoluçom favorável para a língua da Galiza do conflito entre os grupos defensores do galego e os que optam por manter a primazia social do castelhano –Piñeiro (1973: 400) entende que o recurso ao modelo português debilitaria a posiçom do

³ Piñeiro tinha validado em 1971 a proposta do ILG assinalando ao Instituto a responsabilidade exclusiva polo novo campo do ensino, à vez que reservava para a RAG umha autoridade que ele considera ainda determinante para a configuraçom do PSCG, a exercida sobre os escritores: “Certo que a responsabilidade conxunta [do ILG e do Instituto de Ciencias de la Educación, os dous da USC] cinguese ao campo meramente pedagógico da lingua (a Universidade ten, ademais do ensino, o labor de investigación), mais non é menos certo que a responsabilidade pedagógica da incorporación do galego ao ensino é de suma importancia. Naturalmente, alén da investigación técnica e da orientación pedagógica como esferas delimitadas de actividade [...], está a lingua mesma como realidade cultural viva cuio xenio se manifesta a través dos seus cultivadores. E son estes mesmamente, os que a cultivan oral e literariamente na súa función esencial –espresiva e comunicativa-, os verdadeiros responsables da lingua como tal. Como é ben sabido, contan con diversos órganos para favorecer o desenvolvemento de tan complexa e delicada responsabilidade colectiva, entre os cales, por citar un de carácter oficial, mencionaremos á Real Academia Gallega” (Piñeiro, 1971, 363).

galego nesse conflito-, e em nenhum caso esta aproximação estaria baseada na aplicação de materiais ortográficos escassamente praticados na Galiza moderna e considerados alheios ao galego na ideologia lingüístico-cultural desenhada por Ramón Piñeiro para o conjunto de Galaxia (Samartim, 2004).

Ainda que Lapa recebe também destacados apoios de vários agentes do PSCG -mesmo de alguns membros de Galaxia como Ricardo Carballo Calero, catedrático de lingüística e literatura galegas na USC e principal crítico literário do grupo (Samartim: 2004)-, o pouco sucesso da sua proposta na Galiza tardofranquista tem a ver principalmente com a escassa tradição dos materiais propostos e com o carácter periférico dos seus apoiantes mais decididos⁴. Assim, o grupo que sustenta a RAG (debilitado na defesa dos seus posicionamentos lingüísticos desde a irrupção do ILG) opta maioritariamente pelo afastamento de Lapa e pela aproximação das posições do Instituto universitário, uma instituição que coloca no PSCG todo o capital simbólico que fornece a sua pertença universitária para monopolizar o campo dos materiais para o ensino com o obrigado consentimento de Galaxia.

À relativa debilidade produzida pela concorrência do ILG, Galaxia deve acrescentar ainda a actividade dos agentes ligados aos **grupos políticos** da esquerda clandestina. Estas organizações antifranquistas impugnam de maneira geral a legitimidade de Galaxia como grupo herdeiro do galeguismo histórico e não concordam com a sua passividade no campo político; para além disto, ademais de pelegarem pelo controlo de campos culturais de nova criação desatendidos por Galaxia (nomeadamente o musical e o cinematográfico), estes agentes da esquerda política discutem também no campo literário a primazia do grupo chefiado ideologicamente por Piñeiro, promovendo para este(s) campo(s) sobretudo

⁴ Entre estes apoiantes destaca um excêntrico “Grupo de Roma” comandado pelo Padre Xosé Martiño Montero Santalla. Este colectivo, até então desconhecido e sem continuidade orgânica no futuro, publica por mediação de Lapa um “Manifesto para a Supervivência da língua galega” no número de Setembro de 1974 da *Seara Nova* (nº1547, pp.30-31); este “Manifesto...” -reproduzido posteriormente em espanhol no exemplar de Outubro da revista antifranquista madrilenha *Cuadernos para el Diálogo* (nº133, pp.8-11) sob o título de “Manifesto para la supervivencia de la cultura gallega”- contempla um novidoso programa de acção normalizadora na base da integração cultural galego-luso-brasileira: “As propostas apresentavam duas novidades salientáveis: a primeira é a dumha vontade programática de reintegração cultural no mundo luso-brasileiro: para isso, denominam a língua galego-portuguesa, utilizam uma ortografia reintegrada e realizam propostas de transferência e interferência sistemáticas com Brasil e, sobretudo por proximidade geográfica, Portugal. A segunda é a de, partindo da base da irreversibilidade da existência de dois grupos lingüísticos na Galiza, fixar um programa de acção normalizadora centrado nos meios de comunicação de massas,

materiais social-realistas veiculados numha linguagem propositadamente popularizante, considerados mais apropriados para os seus objectivos político-culturais que os materiais essencialistas (a paisagem, a saudade, o humorismo, o lirismo, etc.) e a linguagem mais afastada das falas populares defendida por Galaxia.

Contodo, em paralelo à prioritária actividade político-cultural, Galaxia tenta articular também umha via político-partidária no campo galeguista já desde inícios de sessenta. Com este fim, e ao lado dum falhido partido democrata-cristão, o grupo cria em 1963 o **Partido Socialista Galego** (PSG). Presidido no primeiro momento por outro home forte de Galaxia, Francisco Fernández del Riego, e formado maioritariamente por quadros intelectuais alheios ao trabalho nos movimentos de massas, este grupo vive nuns primeiros anos de mui escassa actividade partidária um processo de definição ideológica que o fai evoluir desde a social-democracia galeguista de orientação europeísta até o socialismo marxista, nacionalista e anticolonial articulado já no início do período aqui analisado principalmente polo catedrático de estrutura económica na USC e máximo activo do partido Xosé Manuel Beiras Torrado. Este processo de decantação ideológica afasta devagar o PSG de Galaxia no terreno político -por mais que ambos grupos mantenham durante todo este período estreitas relações por causa dos fortes laços pessoais que unem os dous núcleos dirigentes-, à vez que fai converger o PSG já desde 1973 (e nem sempre pacificamente) com o grupo mais activo da esquerda nacionalista da altura, a **Unión do Pobo Galego** (UPG) fundada em Santiago de Compostela em 1964 em frontal oposição à passividade política e aos postulados culturalistas e institucionalistas de Galaxia.

A UPG é um grupo comunista de orientação maoísta, nacionalista e anticolonial, que hesita nos primeiros momentos entre a sua configuração organizativa como frente de libertação nacional ou como partido, que no transcurso deste período aumenta mui consideravelmente a sua presença política graças à disciplinada actividade despregada pola sua militância em vários conflitos sociais e à criação de várias associações de base no terreno sindical, estudantil, cultural e político⁵, e que consegue discutir a preeminência no

postulando neles umha atenção preferente ao mundo luso-brasileiro e a captação na Galiza das emissoras de rádio e TV, ao lado do ‘ensino oficial, a administração e a Igreja’ ” (Torres Feijó, 2003).

⁵ “Partimos do nacemento da UPG [1964] e chegamos a un complexo organizativo ordenado nunha estrutura frentista. Temos unha frente de estudantes, ERGA [Estudantes Revolucionarios Galegos, fundada em 1973]; unha frente labrega, CC.LL. [Comisións Labregas, 1973]; unha frente obreira, intergrada polo SOG [Sindicato Obreiro Galego, 1975] e mais os sindicatos das diferentes seccións que se foron creando desde

espaço antrifranquista ao grupo maioritário na clandestinidade, o **Partido Comunista Galego** (PCG) fundado em 1968 sobre a secção galega do Partido Comunista de Espanha (PCE).

Activo durante todo o franquismo como PCE e sofrendo neste período várias excisions pola sua esquerda em todo o Estado, a concorrência doutros grupos de extrema esquerda no espaço estatal e da UPG no espaço social galego, este grupo organiza-se agora de maneira autónoma na Galiza, ainda que continua integrando de maneira orgânica o seu equivalente para o Estado espanhol. De acordo com os seus estatutos, o PCG “non nacía como un partido galeguista máis: era un partido revolucionario marxista-leninista, un partido nacional galego” (Santidrián, 2002: 595); defensor na teoría, portanto, do internacionalismo proletário e da autodeterminação, o PCG mantém durante todo o período unha presenza destacada quer nas importantes mobilizacións agrárias da altura quer no ámbito das mobilizacións estudantis da única universidade existente entom na Galiza (a USC), e está presente sobretudo no espaço laboral por meio do seu sindicato de classe, as Comisiones Obreiras, que funcionavam de maneira semilegal e que contribuírom decididamente para a organización das greves industriais de 1972 nas cidades de Vigo e Ferrol.

Em síntese, no campo político estes três partidos (PSG, UPG e PCG) movimentam-se sobre os dous eixos básicos da esquerda e o galeguismo, postulando nesta altura projectos sociais e institucionais rupturistas com o regime franquista e defendendo nos seus programas o carácter nacional da Galiza e o seu direito à autodeterminação: reivindicação central no caso dos nacionalistas, que advogam polo estabelecimento dumha República de carácter federal ou confederal de todos os povos ibéricos (incluindo Portugal), e ideia muito mais periférica num PCG que advoga por um Estado Espanhol descentralizado e prefere recuperar a legalidade republicana do Estatuto de Autonomía promovido polo Partido Galeguista e plebiscitado em Junho de 1936 com o apoio do Frente Popular (Santidrián, 2002: 594-596).

1973, [...]; unha frente de masas, a AN-PG [Asamblea Nacional-Popular Galega, 1975] (onde confluían todos os integrantes das restantes frentes, e ao mesmo tempo serviría de coordinación de toda a estrutura frentista); unha frente cultural, integrada por todas as asociacións culturais relacionadas coa UPG [que fñom sendo criadas desde inicios de sessenta] e, finalmente, o frustrado intento de crear unha frente armada [desarticulada pola policía franquista em Agosto de 1975]” (Fernández Baz, 2003: 54).

Os postulados políticos dos grupos de esquerda determinam as suas tomadas de posição claramente heterónomas tanto sobre a questão lingüística como nos diferentes campos que conformam o PSCG. Assim, todos estes grupos políticos vão promover para o campo literário os repertórios social-realistas por considerá-los úteis para o seu projecto político. Porém, os agentes ligados ao PCG, em virtude do seu ideário e da sua actividade política, contemplam o bilingüismo nas suas estratégias sócio-culturais e mantêm contactos com instituições culturais no âmbito do Estado. Portanto, este grupo tenta popularizar uns repertórios social-realistas de grande aceitação no conjunto do Estado Espanhol recorrendo em ocasiões a edições bilingues galego-castelhanas publicadas em editoras sediadas fora da Galiza⁶. Com estas tomadas de posição, os agentes do PCG visam não apenas alargar o mercado potencial da obra em questão, mas sobretudo a criação e o reforço dum intersistema cultural que aglutine de maneira solidária todos os povos do Estado (ficando significativamente de parte Portugal).

Por seu lado, a UPG -que pratica programaticamente o monolingüismo em galego- cria na Galiza a sua própria rede de relações (fundando plataformas culturais como associações, editoras, etc.) e estabelece os seus contactos exteriores prioritariamente na base da solidariedade própria do internacionalismo proletário e só de maneira muito secundária recorrendo ao plano lingüístico-cultural. Assim acontece com as relações intersistémicas galego-portuguesas, estabelecidas em virtude deste modo de relacionamento pelo principal grupo do nacionalismo clandestino tardofranquista, que transfere produtos social-realistas para Portugal em função da solidariedade política com grupos e agentes da esquerda portuguesa opostos ao salazarismo, e não, como fazia Galaxia, produtos tradicionais essencialistas em virtude do apoliticismo e dumha ideia de irmandade lingüístico-cultural vinda do galeguismo histórico, ainda central para os de Piñeiro e periférica no nacionalismo de setenta⁷. Após o triunfo do 25 de Abril em 1974, a UPG

⁶ Nalguns casos estas edições são tetralíngues e recolhem a correspondente tradução em todas as línguas do Estado; como a publicação em 1974 na editora antifranquista madrileña Akal dos *Seis poemas gallegos* dum autor tão prestigiado no sistema espanhol como García Lorca realizada por Xesús Alonso Montero, catedrático de língua e literatura espanhola no ensino secundário e principal agente do PCG para assuntos lingüístico-literários.

⁷ Boa prova deste relacionamento em chave política é a edição na editora Razão Actual do Porto em 1972 de duas antologias das principais figuras da poesia social e de resistência galega da altura, Celso Emilio Ferreiro e Manuel María, edições aliás adaptadas levemente para a ortografia usual em Portugal; destaca também o constante labor publicitário da causa galega desenvolvido pelo escritor e militante comunista português José Viale Moutinho.

alicerça mui significativamente o vínculo galego-português, reforçando a sua actividade e fazendo progredir os seus repertórios culturais em Portugal, a custa do debilitamento do vínculo hispano-português estabelecido por grupos comunistas com relações estatais e na mesma proporção em que Galaxia vê diminuir as suas transferências e secundarizar-se o seu modo de relacionamento com o sistema luso (Torres Feijó, 2003).

À vez que actuam no campo literário, estes grupos elaboram estratégias de acção para a intervenção em novos campos ainda em formação, onde está em jogo a própria existência e natureza do campo e onde também se estabelecem homologias entre as estratégias, os objectivos políticos e os materiais propostos e utilizados na prática cultural⁸. Assi, no novidoso campo da canção em galego, assistimos à luta entre elementos do PCG e da UPG polo controlo dum novo campo de produção cultural mui caro a sectores alargados do activo público universitário. Para aqui transferem-se os poemas social-realistas de membros da UPG como Celso Emilio Ferreiro, musicados com mais ou menos sucesso por jovens cantores universitários na órbita do PCG, que utilizam as letras em galego como elemento de reivindicação política, e em clara oposição a uns produtores descomprometidos (Juan Pardo, Maria Ostiz ou Julio Iglesias) que recorrem ao galego nas suas composições com intenção folclorizante e para ganhar posições no mercado discográfico, alegando que a língua da Galiza permite a entrada num mercado latinoamericano onde o samba e outros ritmos brasileiros estão na moda (Samartim, 2003^a). Este campo experimenta um importante impulso na Galiza dos anos setenta graças à homologia com a canção protesto que se estende por todo o Estado nessa altura, mas também por causa da influência de cantores portugueses como Luís Cília ou José Afonso, que introduzem novos modelos culturais produtivos até o momento não experimentados na Nova Canção Galega (por exemplo, uma nova visão do folclore até então desprestigiado porque identificado com o franquismo).

Por seu lado, no campo cinematográfico, os grupos de esquerda actuam de acordo com os seus objectivos políticos e promovem a criação do movimento cineclubista e a organização de festivais como o de Ourense, destacando figuras como a de Carlos Velo

⁸ No campo recentemente aberto para o ensino opcional da língua da Galiza, corresponde ao ILG o papel de fornecedor destacado de materiais técnicos apropriados para o processo ensino-aprendizagem nos vários cursos de língua galega organizados nas associações culturais situadas no espaço de influência dos grupos nacionalistas.

(militante da UPG e exilado) e sobretudo a referência do Cinema Novo e socialmente comprometido do realizador brasileiro Glauber Rocha. Estes dous campos que agora se abrem para o galego (o musical e o cinematográfico) compartilham umha consideraçom mais popular e menos elitista que a literatura. Contodo, estes novos campos baseados na oralidade gozam de grande prestígio social, permitem o acesso a umha grande quantidade de público e som considerados mui úteis polo grupos da esquerda antifranquista para acrescentar a presença pública do galego, dignificar socialmente a língua e educar politicamente as massas populares.

Já no campo lingüístico-cultural, os três grupos participam no debate sócio-lingüístico com diferente intensidade mas sempre dumha perspectiva centrada exclusivamente na natureza política da questom do idioma. O PSG, por seu lado, é a organizaçom mais próxima nos seus postulados lingüísticos das teorias de Galaxia. Neste sentido, umha destacada militante socialista neste momento, Teresa Barro, encabeça com a sua assinatura um “Plan Pedagógico Galego” publicado em 1971 em *Grial*, a revista de Galaxia dirigida por Ramón Piñeiro e Francisco Fernández del Riego. Nesta proposta de actuaçom elaborada polos membros do activo Grupo de Traballo Galego de Londres para regular a eventual incorporaçom do galego como matéria opcional ao sistema de ensino obrigatório, convivem duas ideias básicas presentes também no galeguismo pinheirista: por um lado a defesa da essencial unidade lingüística galego-luso-afro-brasileira e, por outro lado, a ideia da preeminência da normalizaçom social da língua frente à da sua fixaçom normativa⁹.

Da parte do PCG, o seu principal teórico lingüístico-cultural, o professor Xesús Alonso Montero, publica em castelhano na editora madrilenha Akal o seu *Informe – dramático- sobre la lengua gallega* em 1973. No seu texto, o catedrático de língua e literatura espanhola num liceu luguês refere a unidade lingüística galego-portuguesa como um facto filológico que “brinda al gallego unas posibilidades culturales realmente

⁹ O “Plan Pedagógico...” começa com a assunçom dum sistema lingüístico tri-elaborado galego-luso-brasileiro (e dumha situaçom “bilingüe” da sociedade galega discutida, como veremos, polos nacionalistas da UPG): “O primeiro fator distintivo da situacón bilingüe de Galicia é que o galego non é lingua minoritaria. É –aínda- a lingua da maioría do pobo galego, a de Portugal, Brasil, Angola, Mozambique e outros pobos de África e Asia”; a defesa da preeminência da normalizaçom sobre a normativizaçom encontra-se no seguinte trecho: “Falar e escribir con arreglo a criterios de corrección virá despóis. O primeiro e o máis urxente é falar o galego que un fala e leer o galego que hai escrito” (Barro *et al.*, 1971: 203 e 209). Os principais redactores

fascinantes” (Alonso Montero, 1973: 25), possibilidades que nom som contempladas em nengum momento na sua obra. Em geral, Alonso Montero entende o problema lingüístico como umha questom de classe em que ao galego corresponde o estátus da língua própria das classes populares vítimas da opressom capitalista veiculada na língua de instalaçom da burguesia, o castelhano¹⁰; partindo desta consideraçom da situaçom lingüística como resultado da exploraçom de classe, Alonso afirma que “para salvar nuestra lengua de una muerte inmediata” é imprescindível umha aposta decidida polo “idioma minoritario”¹¹, o empenhamento passaria necessariamente por aumentar a produçom literária em galego e pola sua incorporaçom a todos os níveis de ensino e aos meios de comunicaçom (Alonso Montero, 1973: 148).

O também catedrático de língua e literatura espanhola no ensino secundário e máximo ideólogo da UPG para questons lingüístico-culturais, Francisco Rodríguez Sánchez, posiciona-se imediatamente em contra das teses de “morte da língua” e das consideraçons bilingües sustentadas polo professor Alonso Montero por meio dumha série de artigos de opiniom publicados no jornal ourensao *La Región* (1, 2 e 4 de Junho de 1974). O líder da UPG recolherá e ampliará em 1976 no livro *Conflicto lingüístico e ideoloxía en Galicia* tanto estas críticas como os postulados sócio-lingüísticos defendidos polo seu grupo durante o tardofranquismo (centrais, ademais, na ideologia lingüística do nacionalismo galego até a actualidade). Nesta obra, Francisco Rodríguez aposta por umha analise da realidade lingüística em funçom da situaçom social concreta da Galiza como povo colonizado e entende o galego como a língua própria dumha naçom oprimida nos planos social, económico, político e cultural que tem o claro sinal dessa dominaçom na

deste “Plan Pedagógico Galego”, Carlos Durán e Teresa Barro, aderirám a partir de 1973 à proposta de integraçom ortográfica galego-portuguesa colocada no PSCG por Rodrigues Lapa.

¹⁰ Alonso reconhece umha situaçom de bilingüismo diglössico e propom a revisom da atribuiçom do carácter de língua própria da Galiza unicamente ao galego: “Se dice, con harta frecuencia, que abandonar u olvidar la lengua propia es perder la personalidad. Creo, sinceramente, que es perder fibras muy serias de nuestra personalidad, lo que no es poco. Ahora bien, una parte de Galicia hace tiempo que, en lo esencial, ya tiene como lengua *suya* el castellano. Afirmar lo contrario sería incurrir en mitificación. No por ello la otra parte, aún más numerosa, debe renunciar a sus legítimos derechos” (Alonso Montero, 1973: 146-147; itálico no original).

¹¹ “Pretender en una sociedad poseer al mismo nivel dos sistemas lingüísticos es utópico. La balanza se inclinará a un idioma o a otro. Si nos instalamos plenamente en el idioma minoritario [o galego], mimaremos, a nivel instrumental, el idioma mayoritario [o castelhano] por sus ventajas objetivas (comunicación con otras gentes, poder beneficiarnos de una importante literatura, etcétera); si nos instalamos en el mayoritario, el minoritario será a[r]rinconado y olvidado, pues no posee la utilidad tangible del primero” (Alonso Montero, 1973: 149).

situaçom dumha língua que carece de oficialidade e foi reduzida a idioma identificado unicamente com as camadas populares, guardadoras, por outro lado, da essência da Naçom¹² e principais responsáveis pola futura superaçom do conflito lingüístico e da situaçom de dominaçom colonial.

Partindo destes pressupostos básicos, Francisco Rodríguez afirma a sua posiçom atacando as propostas político-lingüísticas que ele considera contrárias aos seus postulados, empenhando-se em desvendar a ideologia subjacente nas tomadas de posiçom daqueles grupos presentes no PSCG que o líder da UPG entende incompatíveis com a sua teoria nacional-popular. Assi, ataca as análises chegadas do espaço ideológico da esquerda com ligaçons estatais identificando o pessimismo e as consideraçons sobre o bilingüismo feitas por Alonso Montero com umha ideologia pequeno-burguesa, economicista, ambígua, individualista, pactista, derrotista e, em última instância, falta de compromisso com a resoluçom do conflito lingüístico; esta atitude actuaría, para Francisco Rodríguez, em favor da colonizaçom porque, ao nom contemplar a reversibilidade do domínio lingüístico dos grupos que sustentam o castelhana, contribuiría para o fraccionamento cultural e político da sociedade galega e para sua assimilaçom progressiva à língua do colonizador (Rodríguez, 1976: 36-40)¹³.

O sócio-lingüista da UPG ataca também as teses que sustentam o programa de açom apresentado no “Manifesto...” do Grupo de Roma, a quem acusa de tentar legalizar o bilingüismo, e de mostrar umhas “arelas de conciliación [que] proveñen dunha ideoloxía democratista, un de cuios compoñentes é a seguridade, a ambigüidade, de diante do conflicto global” (Rodríguez, 1976: 43)¹⁴. Francisco Rodríguez nom se pronuncia sobre as

¹² Para os grupos nacionalistas de esquerda “O núcleo da cultura galega é o idioma. O idioma é o núcleo significativo da sociedade, da nacionalidade, da cultura galega. De xeito que o Estado español trata, con especial eficiencia, de destruír o idioma galego...” *Texto Conxunto*. “Por unha Galicia ceibe e socialista. Partido Socialista Galego/ Unión do Pobo Galego”, 1973, p.19 (in Rubiralta, 1998: 139-140). Esta ideia é repetida também por Francisco Rodríguez (1976: 18), para quem a língua constitui o principal elemento nacionalitário: “a língoa é unha das características nacionaes por escelencia. [...]. Atacar, esterminar unha língoa, é esautamente o mesmo que atacar, esterminar (é decir, facelo desaparecer como diferenciado) un pobo”.

¹³ “[...] todo iste xeito de argumentar xustifica a propia traición ou a falla de compromiso decidido no confluiuto lingüístico, en termos materialistas. Por iso, é unha contribución ao desalento, inda que poida estar tinxido de moralismo compensatorio, nunhos casos, e de cinismo realista, noutros. Contribúise, pois, a que a nosa sociedade se degaxe cultural e políticamente” (Rodríguez, 1976: 38-39).

¹⁴ “[Com o programa exposto no ‘Manifesto...’] inténtase que ‘todos sepan hablar y escribir correctamente los dos idiomas’. Moi ben, pro iste ouxetivo non escrarece pra nada cómo vai deixar de ser o galego unha língoa innecesaria na práutica, asoballada socialmente, e polo tanto en asimilación. Propoñer, como solución,

propostas de aproximação cultural galego-luso-brasileiras presentes no “Manifesto...” dos treze de Roma, mas si critica as coincidências do plano desenhado por Montero Santalla com a proposta integracionista de Rodrigues Lapa utilizando o argumento de que “calquera actitude culturalista, paternal ou democratista formal cara o galego, non vai potenciar a súa recuperación” (Rodríguez, 1976: 45)”. Neste sentido, Rodríguez entende a unidade lingüística galego-portuguesa como um facto filológico a que nom atribui utilidade na luta política pola recuperación do galego no seu contexto social; a proposta de Lapa é alcunhada entom polo ideólogo da UPG de individualista e elitista, própria dum intelectualismo culturalista e dum imperialismo inconsciente¹⁵.

O líder da marxista UPG coloca os limites da aproximação lingüística galego-portuguesa defendida polo professor de Anadia no respeito ao “esprito da língoa”, sem explicar em nengum momento quais som os materiais que o caracterizam. Em todo o caso, o ideólogo político e lingüístico-cultural do nacionalismo marxista desestima por socialmente inútil a proposta de Lapa (centrada na aproximação ortográfica galego-portuguesa) e, neste sentido, concorda com o ideólogo do galeguismo liberal de Galaxia na defesa duns determinados materiais ortográficos com que é identificada a natureza do galego e considerados mais úteis para a prioritária normalização social do idioma¹⁶.

a repartición cáseque nun 50% dos medios de comunicación de masas, do ensino oficial, da Administración, da Igrexa, pra conquistar a neutralidade, é iñorar as fondas raigames socio-económicas –co corolario das sico-sociáes- que ten o desprestixio, ‘a inferioridade’, o asoballamento do galego. Non falar do trasfondo económico-social e amosar soamente solucións xurídico-administrativas, dentro dunha estratexia que tenta legalizar o bilingüismo, como panacea social, é refugar o conflito á ves que encamiñado por vieiros idealistas, tentando solidificar a voluble realidade, paralizala nunha imaxe ideal” (Rodríguez, 1976: 42).

¹⁵ Por suas palavras (Rodríguez, 1976: 46; itálicos meus): “Sen poñer en dúbida as ventaxas do aportuguesamento do galego hastra os lindes que non traicionen o *esprito da língoa*, compre que advirtamos que, na proposta de Lapa, latexa un conceuto do problema, culturalista, elitista, que non pon en correlación axeitada idioma e política; mais esta correlación faina nun senso de aceutación da ideoloxía dominante.

Se non hai que discutir que, dende unha perspeutiva lingüística, galego e portugués son a mesma língoa, é un consolo pouco convincente dende unha perspeutiva sociolóxica e política. Hai que remarcar sempre que unha língoa é fundamentalmente útil no contesto do pobo que fala, como obra súa que é, e como instrumento indispensable e inmellorable ao seu servicio. Se é que non se parte diste presuposto, os prantexamentos poden caer no imperialismo incoscente, no intelectualismo culturalista”.

¹⁶ Francisco Rodríguez tampouco contempla a aprendizagem do modelo portugués na Galiza (tal como propom Lapa e permite, de maneira opcional, a legislação vigorante no Estado Espanhol desde Agosto de 1973). Repare-se também em que o líder da UPG livra da sua crítica ao ILG, ao qual nom fai referênci em nengum momento, e como a única vez que cita Ramón Piñeiro fai-no em positivo e em nota de rodapé (Rodríguez, 1976: 64): “Pra unha crítica aos argumentos de Lapa, dende unha postura cultural, liberal e con perspeutivas de futuro, compre ter presente a «Carta a D. M. Rodrigues Lapa» de Ramón Piñeiro, publicada no número 42 da revista Grial, 1973”. Repare-se ainda nas palavras do professor Elias Torres Feijó (2004) quando afirma que “em boa medida somos ainda devedores de muitos elementos repertoriais fabricados nos anos setenta polo galeguismo”, no sentido de como, “de maneira dominante, por parte do poder, foi inculindo-

Em conclusom, o afastamento (e mesmo o combate) de qualquer plataforma institucional oficial próprio da clandestinidade e umha focagem estritamente sócio-política da situaçom lingüística e cultural da Galiza desde umha posiçom de esquerda popular anticolonial, explicam o carácter fundamente heterónimo das tomadas de posiçom destes grupos de esquerda antifranquista nos vários campos culturais em que actuam; também os modos de relacionamento com Portugal e a funcionalidade principalmente política atribuída às referências portuguesas, acrescentada após o 25 de Abril. A isto também se deve que estes partidos nom cheguem nengum contributo técnico concreto sobre a codificaçom da língua da Galiza e que considerem um debate sobre a natureza dos materiais definidores da orientaçom cultural e a configuraçom identitária da colectividade galega como um assunto supeditado à urgente normalizaçom social do idioma¹⁷.

Contodo, a prática lingüística destes grupos de esquerda –que, lembremos, descansa na afirmaçom de que o galego é a língua das camadas populares oprimidas, principais sujeitos da identidade nacional para os nacionalistas (Fernández Baz, 2003: 27)- é facilmente compatível com a proposta do ILG: a standardizaçom do galego com base na língua falada polo povo. Esta prática popularizante dos grupos de esquerda e a proposta foneticista e claramente antilusa do Instituto universitário debilitam a posiçom tradicionalista e favorável a umha moderada aproximaçom galego-portuguesa de Galaxia, frontalmente contrária, ao igual que os grupos mais activos no leque da esquerda e o nacionalismo, à integraçom ortográfica proposta por Lapa.

Assi, entre os principais grupos do PSCG existem umha série de coincidências básicas à hora de abordar a questom lingüística, tanto no tardofranquismo como na actualidade:

- 1) A consideraçom do galego como elemento etno-identitário diferencial fundamental.

se a ideia do que é galego e do que é português, onde para a primeira esfera se assumem como próprios materiais, normas e modelos espanhóis e polo contrário som rejeitados materiais, normas e modelos galego-portugueses como apenas pertencentes a este último elemento do par”.

¹⁷ Repare-se em que a baixa consideraçom polas questons normativas tem apoio político em que, para Rodríguez (1976: 15), a língua acusa as relaçons de classe na “gramática normativa, cáseque sempre condicionada polo poder político e pola fala, xa que logo, das crases dominantes”.

- 2) A afirmação teórica da unidade lingüística galego-portuguesa (esta afirmação encontra algumas reticências da parte do ILG; contudo, de acordo com os pontos seguintes, estas não têm nenhuma transcendência prática).
- 3) A unidade lingüística galego-portuguesa constitui um facto filológico ao qual não é atribuído qualquer utilidade política para a normalização social do idioma.
- 4) A normalização lingüística constitui o objectivo principal e é prioritário face a normatização.
- 5) A normalização lingüística só é considerada possível com a utilização dos materiais ortográficos coincidentes com o castelhano e diferenciais com respeito aos modelos luso e brasileiro¹⁸.

Bibliografia Citada:

Alonso Montero, Xesús (1973): *Informe dramático sobre la lengua gallega*. Madrid, Akal Editor.

Barro, M^a Teresa/ Toubes, Xavier/ Durán, Carlos/ Fernández-Gasalla, Manuel/ Pérez Barreiro-Nolla, Fernando (1971): “Plan Pedagógico Galego”, in *Grial* 32 (Abril-Junho), pp. 202-210.

¹⁸ Entre as conclusões, ainda provisórias, da investigação sobre a presença do mundo lusófono na Galiza dos últimos trinta anos, desenvolvida pelo grupo Galabra da USC, destaca a constatação de que o facto de os principais grupos do PSCG no tardofranquismo compartirem visões altamente coincidentes sobre a língua possibilita os acordos produzidos no actual regime autonómico: O ILG e a RAG unificam a sua proposta normativa em sessão conjunta de 3 de Julho de 1982; as *Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego* resultantes são oficializadas pelo governo da ‘Xunta de Galicia’, sustentado pelas secções galegas dos partidos de centro-direita estatais, por meio do Decreto de Normatización da Língua Galega em 20 de Abril do ano seguinte. Vinte anos depois, em 12 de Julho de 2003, a RAG aprova por maioria a reforma desse texto normativo no sentido de introduzir algumas das mudanças propostas por uma comissão formada por representantes da própria Academia, do ILG e dos Departamentos de Língua Galega das três universidades da Galiza. Finaliza assim um controverso processo de convergência normativa promovido na sua última fase pela Asociación Sócio-Pedagógica Galega (AS-PG), valedora juntamente com os representantes da Universidade da Corunha das posições lingüísticas dum nacionalismo de esquerdas já unido e fortemente institucionalizado, e que aceita agora por primeira vez a autoridade sobre questões normativas outorgada à Academia pelo Parlamento Galego na Lei de Normalización Lingüística aprovada por unanimidade das forças políticas presentes em 15 de Junho de 1983 (essa unanimidade inclui a todos os representantes dos grupos com ligações estatais e apenas a um único representante da esquerda nacionalista, já que os três deputados do grupo maioritário no eixo da esquerda e o nacionalismo foram expulsos pela sua negativa a jurarem a Constituição Espanhola) (Samartim, 2003^b). Neste sentido, o professor Torres Feijó (2004) afirma que, “analisando o processo nos últimos trinta anos, conclui-se que para muitos mais foi uma disputa pelo poder simbólico, académico, intelectual e até político o que conduziu à actual solução [acordo de Julho de 2003], que uma elaboração da proposta para maior benefício da cidadania”.

Fernández Baz, Manuel Anxo (2003): *A formación do nacionalismo galego contemporáneo (1963-1984)*. Santiago de Compostela, Edicións Laiovento.

Lapa, Manuel Rodrigues (1973): “A recuperación literária do galego”, in *Colóquio/Letras* 13 (Lisboa, Julho), pp. 5-14.

Piñeiro, Ramón (1971): “GALLEGO 1, Instituto de la Lengua Gallega”, in *Grial* 33 (Julho-Setembro), pp. 363-364.

Piñeiro, Ramón (1973): “Carta a Don Manuel Rodrigues Lapa”, in *Grial* 42 (Outubro-Dezembro), pp. 389-402.

Piñeiro, Ramón [1956]: “A defensa do idioma, vencello espiritual de tódolos galegos”, in Piñeiro, Ramón (1974): *Olladas no futuro*. Vigo, Editorial Galaxia, pp. 95-104.

Rodríguez, Francisco (1976): *Conflicto lingüístico e ideoloxía en Galicia*. Monforte de Lemos, Edicións Xistral.

Rubiralta Casas, Fermí (1998): *De Castelao a Mao. O novo nacionalismo radical galego (1959-1974): Orixes, configuración e desenvolvemento inicial da U.P.G.* Santiago de Compostela, Edicións Laiovento.

Samartim, Roberto López-Iglésias (2003^a): “Portugal em *Chan* e *Grial* como projectos culturais galeguistas: 1969-1971”, in *Actas do VIIº Congresso Internacional de Estudos Galegos*. Universitat de Barcelona, 2003 [no prelo].

Samartim, Roberto López-Iglésias (2003^b): “O *Dia das Letras* no sistema literário galego. O caminho para o reconhecimento da autoridade da Academia”, in *Forum* 33, (Braga, Janeiro-Junho), pp. 59-69.

Samartim, Roberto López-Iglésias (2004): “Ideia de língua e vento português na Galiza do tardofranquismo: O caso de Galaxia”, in *Portugal und Spanien. Probleme (k)einer Beziehung*. Frankfurt, Teo Ferrer de Mesquita [no prelo].

Santidrián Arias, Víctor Manuel (2002): *Historia do PCE en Galicia (1920-1968)*. Sada, Corunha, Edicións do Castro.

Torres Feijó, Elias J. (2003): “O 25 de Abril e as suas imediatas conseqüências para e no protossistema cultural galeguista”, in: *[Actas do] VIIº Congreso da Asociación Internacional de Estudos Galegos*, Barcelona: Universidade de Barcelona [no prelo].

Torres Feijó, Elias J. (2004): “Portugal, para quê? Para umha interpretação do córpus identitário galego: potencial e carências no relacionamento galego-português”, in

Rubén Lois e Xosé Constenla (Editores): *Galiza-Portugal: a reorganizaçom territorial do ocidente atlántico do Ocidente ibérico*. Santiago de Compostela, Ed. Laidvento [no prelo. Acessível em www.agal-gz.org, último acesso em 12 de Setembro de 2004].